

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES.

A CRISE

Guimarães atravessa neste momento uma crise pavorosa na qual é necessário que atendem aqueles a quem por dever do seu cargo cumpre providenciar.

A populosa e laboriosíssima cidade, o rico concelho semeado de grandes centros industriais, tem no braço operário a grande alavanca do seu progresso. Milhares de seres, para quem a vida é cheia de precalços e incertezas, esperam que à noite o mourejador deposite nas suas mãos o pão do dia imediato.

Mas aquilo que é indispensável, o género de primeira necessidade com que no lar se há-de prover ao sustento geral, enveredou por caminho interminável de encarecimento.

Já não há orçamento que baste, cálculo que não saia errado. E' a corrida vertiginosa e constante para a carstia, cujo embate já a custo podem suportar aqueles a quem ainda há pouco tempo abundavam os recursos.

Mas, se nestes ainda o perigo é afastável, outro tanto não sucede naqueles.

De braço dado com a crise económica, aparece também a crise do trabalho.

Em Guimarães há centenas de operários que nem ao menos sabem onde ir procurar os meios para evitar que a fome e a miséria lhes batam à porta. Aqueles que ainda conseguem trabalho dificilmente podem levar ao seio da família um pouco de pão. Mas os que vêem decorrer dias após dias sem uma hora de trabalho para angariar um mísero óbulo? E há tantos, tantos!

Indústrias em que trabalhavam centenas de operários, como sejam as de cortumes, estão paralisadas: outras, pela força das circunstâncias, têm de reduzir à massa obreira.

O comércio está envolto em uma atmosfera irrespirável e a agricultura sente-se asfixiar.

E' a crise com o seu pavoroso cortejo de desgraça, de fome, de miséria.

Lares sem lume, famílias sem pão e sem abrigo, a morte ceifando existências, a doença pertinaz inutilizando energias.

E entretanto a crise avança sem que alguém queira prever os seus perigos, as suas tenebrosas conseqüências.

Republicanos de Portugal!

"Quem desconhece as invasões reaccionárias do Estado pela Igreja-romana? Ela quer que as nações sejam sempre, como na meia-idade, suas ancilas fidelíssimas."

"Militarismos," — Bernardino Machado.

Na hora presente, no momento que passa, campeia descomedido, infrene, desenfreado o jesuitismo que procura sorver as tradições liberais do povo português, que deseja vêr amordaçados, espelhados e calcados os nossos direitos de cidadãos livres, no à vontade de praga ruim em consciência embotada, tacanha, medíocre.

Abre de par em par as torrentes de tóda a sua astúcia, das suas artimanhas, para melhor satisfazer os seus instintos ferozes, os seus desejos sanguinários — **sim sanguinários!** —, certo de que o povo português dorme a sono solto, despreocupadamente, e desconhece todos os seus manejos de corvos rapaces, todos os esvoaçamentos por sobre a prêsã socegada e tranqüila.

Que admirável coisa seria essa, quando todo um povo sentisse, sôb a acção dum chicote manejado pelo génio da hipocrisia, a pita queimar-lhe o dorso, rasgar-lhe as carnes...; que admirável coisa seria ver êsses escravos dobrarem a cerviz à força de chicotadas, e, ainda por cima, saúdarem o génio do mal como outr'ora os romanos saúdavam César!...

Mas, quando assim não fôsse, que, ao menos, esporeado, açaimado e impotente, apenas miseravelmente retardasse a sua marcha, sopeasse em seu apressado caminhar, afundado na treva da ignorância, encharcado nas cisternas da ignomínia, cego como uma toupeira!...

Ver-se o jesuitismo a mandar, a imperar, a tornar sua "ancila fidelíssima," uma nação que sempre primou por caminhar na vanguarda das outras nações, que através de todos os tempos marcou pelo seu espírito de liberalidade, que sempre correu com os déspotas, com os réprobos e com os precitos, que em horas-altas reduziu a cisco, a nada, a sofistica dos jesuitas, a superstição mística, tirânica, do dogma explorador e que odiou, renegou e abjurou sempre e sempre os malditos criminosos, Torquemadas e Loyolas, que vitimaram Giordano Bruno, Palisse, Arnaldo de Brescia, La Barre, Gomes Freire e Francisco Ferrer!!!

Que admirável coisa seria essa!!!

Ah, mas não! E' erro, ilogismo, absurdo, utopia. As reivindicações dum povo...

Os católicos não quizeram nunca compreender esta *luta pela verdade*, êste *esforço* que nos dará a *vitória definitiva*, a guerra à *perniciosidade* da sua teimosia...

"A igreja romana não quiz nunca compreender que, mandando queimar um pedaço de carne viva, lhe era impossível reduzir a cinzas a razão, o guia, o farol e o luzeiro da humanidade, neste mar revoltado de mentiras convencionais."

"A igreja romana não quiz nunca compreender que a razão, elemento impessoal, se assemelha ao coração de Prometheu, de que nos fala o poeta, que palpita e renasce sem cessar, sôb as garras do abutre celestial, que em vão tenta devorá-lo..."

Não e não.

E' por isso que êles, católicos, —Ela, igreja—, bem sabendo a sorte que lhes está talhada, conhecendo o *dies irae* do seu predomínio, andam em busca, à procura dos seus predínios e do máximo de concessões.

E' por isso que êles, católicos —Ela, igreja— se vão infiltrando em tóda a parte, de mãos dadas, seculares e jesuitas, para com o máximo de regalias obstar a que o livre pensamento (a Ciência, o Bem e a Moral) consiga ofuscar as hipotéticas teorias dos Wasmanns, dos Cathreins, dos Besmers e Linsmeiers, cuja ambígua sciência, inconseqüente, é nem mais nem menos que paralogismo sistemático atirado contra a Verdade.

Mas de nada vale a ameaça; de nada vale êsse alargar de tentáculos de pólvora terrível que se diz arranjo especial de Deus.

Pelos nossos raciocínios ponderados, pelas nossas acções e pela nossa imparcialidade na apreciação das coisas, em momento propiciatório fundamentaremos a Liberdade e o Direito que nos assistem, a Independência Moral, e daremos à Pátria um Portugal novo e remoçado.

Teremos de ir para a luta, para a guerra? Marcharemos sem a mais pequena hesitação.

"São grandes os homens que se não deixam vergar ao peso duma adversidade... A luta, assim, é um esforço aceitável, necessário. As peias não se fizeram para agrilhoar, prender, a consciência humana. Muito menos as concessões de tolerância implicam com a desfaçatez, a desvergonha dos pseudo-católicos. Queremos ser livres e não aceitamos por bom o jugo de qualquer Trajanopolis— vera efígies de curandeiros de... Fátima e sapos de sacristia que nos babujam com a sua cólera, a sua hipocrisia e o seu ódio.

Já o escreveu M.^{me} Swetchine: "a força que deriva do ódio e da cólera não é senão uma fraqueza..."

E nós porque esperamos?!

Que surjam renegados *Nemos*, criminosos padres Maximilianos Limas, cobardes condes de Tarouca que comprem novos *Deftes de Ouro* para nos assassinares pelas costas, covardemente?!

Que a liberdade religiosa vá até ao ponto de esta impôr somente os seus dogmas, as suas doutrinas nada tradicionais?!

Não devemos tolerar a opressão deseducativa, dura e retrógrada dos católicos-jesuitas.

Quem não é por nós é contra nós.

Corramo-los como se faz à besta-fera. *A função da democracia é instituir a protecção dos direitos de todos e assegurar o cumprimento dos deveres mútuos.*

A tolerância só pode ser dada desde que sejam respeitadas as nossas opiniões sinceras e generosas.

Há saliências?

Rua com os jesuitas! A tiro, à bofetada, a chicote!

F. C.

Pelos Pobres de Guardizela

Devido talvez, á minha péssima caligrafia, as *gralhas*, no meu artigo publicado no numero anterior, com o titulo acima, muito me arreliaram.

Retifico as mais importantes.

Escrevi:—*eum diligo, etiam interficio errores suos*, em vez de—*eum diligo interficio errores suos; ventri suo*, em vez de,—*venti suo*; *omniividente*, em vez de—*omniivivente*; *cativo*, em vez de—*catóno*.

A. P.

A GRIPE

Continua a grassar com intensidade esta impertinente doença com que o frio nos mimoseia.

Rara é casa onde a Gripe não tenha penetrado, e raríssimas as pessoas que escapam à sua tortura.

Ainda bem que ela tem revertido uma forma benigna, não se tendo dado casos fatais.

Isso porém não deve inibir-nos de tomar as devidas precauções para quanto possível a combatermos, pois é sabido que a sua transição para a forma grave da bronco-pneumonia se pode fazer dum momento para outro.

E' preciso estabelecermos uma barreira á entrada da Gripe, observando connosco a maior hygiene, desinfectando cuidadosamente as fossas nasais e a bôca; resguardando-nos quanto possível do frio; conservando a nossa casa sempre em escurpulo aceio e procurando desinfecta-la pelo menos pela combustão da rama verde de pinheiro e eucalypto.

Diz-se...

Que um certo e muito conhecido marechal monárquico, residente ali ao poente da Praça de D. Afonso Henriques, manda limpar os metais das portas com a bandeira nacional. E' faltar...

Que há quem esvorme rai-vosa e rancorosamente contra a Carta de Paris. Paciência meus velhos, que é remédio santo para os calos.

Que alguém se empenhe pela compra dum hydro-avião, para espreitar de muito alto as obras dos Paços do Concelho.

Que há um sacrista que tem atrás de si um espirito santo que lhe sopra rijo, e êle, manso e humilde do coração, tudo executa.

Que o Sr. J. Sampaio, num gesto nervoso e furibundo, arrancou o único pêlo da sua luzidia careca, só por ouvir tocar o hino nacional na Oficina de S. José.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Uma resposta

O nosso amigo e valoroso correligionário senhor Dr. Mariano Felgueiras, a quem Guimarães muito deve, acaba de dar uma resposta — oportuna e clara — áqueles que abusando da vocação para que a Natureza os fadou, se lembraram de condenar o novo edificio, ainda em construção, dos Paços do Concelho. Obra dum grande mestre, cujo talento é reconhecido pelos mais ilustres dos seus colegas, o architecto senhor Marques da Silva deveria sentir-se vexado com a pouca consideração de algumas criaturas — creaturas que não ofendem, porque não ofende quem quer — se não tivesse, quer em Guimarães quer em toda a parte onde é conhecido, sobejas provas da sua grandiosa competência, bem definida em tôdas as obras — ricas de Arte e de Beleza! Não é, pois, quem quer que põe em cheque os valiosos méritos de tão notável Artista, mas muito principalmente neste caso em que o sinal de *alarme* veio de certos indivíduos que nada sabem nem nada conhecem do assunto em questão. Seria mais racional e mais lógico que os *pregoeiros* aproveitassem o tempo de outra forma — porque assim é perdê-lo — visto que a opinião pública não está com elles.

Além disso, quem teve, no devido tempo, antes de iniciada a obra, tôdas as facilidades de apreciar e discutir o que ia fazer-se, justamente com o fim de evitar reparos inoportunos, não tem, nesta altura, depois de decorridos uns 6 anos, direito de vir a público com apreciações de tal natureza.

E para liquidar-mos este assunto, repetimos a sensata afirmação do Senhor Dr. Mariano Felgueiras: "... a obra dos Paços do Concelho ha-de progredir e com uma actividade tão grande que depressa se recompondrá a perdido..."

Como sua ex.^a, pensarão todos os vimaranenses que desejam o progresso da sua terra.

Sociedade Histórica da Independência de Portugal

Reuniram os novos corpos gerentes da «Delegação de Guimarães da Sociedade Histórica da Independência de Portugal» com o fim de trocarem impressões sobre a forma de levarem a efeito, no dia 10 de abril do corrente ano, aniversário da fundação de Portugal, a comemoração patriótica que os seus Estatutos exigem. Como esta manifestação traduz, não só um sentimento patriótico mas também uma honra para a cidade de Guimarães, pois que, nesse dia será lançada a primeira pedra para, nesta cidade, ser erigida a estátua da Independência cuja figura alegórica é oferecida pela patriótica Sociedade H. da I. de Portugal, conta esta Delegação com o auxílio de todos os vimaranenses, tanto mais que a Direcção daquela Sociedade composta de bons Portuguezes, lidos defensores da integridade da Pátria, vindo nesse dia a esta cidade, necessário se torna proporcionar-lhes a hospitalidade de que são dignos.

Nesta reunião foram propostos,

Inspector Escolar

Mensagem lida na sessão de homenagem ao antigo inspector escolar do extincto círculo de Guimarães:

Ex.^{mo} Snr.

Os professores do concelho de Guimarães, abaixo assinados, antigos subordinados de V. Ex.^a, veem manifestar-lhe respeitosa e a sua muita gratidão e estima. E' que V. Ex.^a, como nosso superior hierárquico, na qualidade de Inspector illustre dêste antigo círculo escolar, a par dos sábios concelhos e advertências que nos fazia, sempre deixava transparecer a sua bondade, dentro dos limites da Justiça, conquistando assim a amizade de quantos tiveram a dita de trabalhar sob as esclarecidas ordens de V. Ex.^a.

Enumerar quanto V. Ex.^a trabalhou em prol da Escola Primária, á qual dedicou sempre toda a sua zelosa actividade, afigura-se-nos trabalho exaustivo e escusado porque dois factos há a notar que provam quão proficuos e apreciados foram os seus esforços: o lugar em que foi investido nomeando-o Inspector-Chefe da Região Escolar de Bragança e as demonstrações de simpatia de que vem sendo alvo pelos seus antigos subordinados.

São pois unânimes a louvar os méritos de V. Ex.^a os altos representantes da Nação e os que, de baixo da preclara orientação de V. Ex.^a, se dedicam á nobre mas árdua e ingrata missão de educar. E' pois justa e merecida esta homenagem.

Desejavamos nós imprimir a tão simples demonstração de estima a V. Ex.^a, a grandeza de que é merecedor; mas isso é impraticável, e V. Ex.^a como possui um caracter íntegro e magnânimo, saberá relevar-nos a singeleza de tão modesta manifestação, que nada mais é do que uma inequívoca e sincera prova do quanto lhe somos devidotes.

Digne-se V. Ex.^a aceitá-la pois, na sua simplicidade, porque nela e na modesta lembrança que juntamente oferecemos, vai a muita admiração de todos nós; e se mais longe não fomos, é porque desde há muito reconhecemos a proverbial modestia que possui e que nós de maneira alguma queremos susceptibilizar.

Guimarães, 10-1-1929.

Sociedade Protectora dos Animais

A comissão da Sociedade Protectora dos Animais, nesta cidade, avisa o público, que entraram em vigor as penalidades do Decreto n.º 15.982, de 7 de Setembro do ano findo, em especial aos condutores de gado, lembrando-lhes que está prohibido o uso do agulhão. O transgressor pagará de multa 100.000 escudos.

Esta Sociedade em breve começará uma rigorosa fiscalização, na defeza dos pobres animais.

A Comissão roga a atenção dos Ex.^{mos} Snrs.^{es} Administrador e Comandante da Guarda Nacional Republicana, desta cidade, para o Decreto n.º 15.982, esperando que serão dadas as suas devidas instruções a todo o pessoal subordinado, no sentido de proteger os animais.

como novos sócios, os Ex.^{mos} Snrs. Dr. Manuel Ferreira da Costa, Manuel Saraiva Brandão, Tenente Albano José da Cruz, Capitão Manuel Henrique de Faria, Dr. António de Jesus Gonçalves e Dr. David d'Oliveira,

Para que todos saibam ...

II

Vai ser uma nova epistola aos corinthios, ou lacedemonienses snr. Costa e Silva, esteja certo disso.

A carta que me veio pedir, depois da sua correspondencia publicada que não a minha, foi escrita na boa fé, bem o sabe. Só dei pelo ludibrio quando me veio pedir outra carta para substituir no arquivo dos «Ecos» a correspondencia querelada e que êle disse ter-se extraviado!... Foi então que eu dei verdadeiramente pelo lôgro.

Logo o snr. Costa e Silva foi um refinadissimo bandido, querendo roubar a êste pobre velho o que êle tem de melhor como é a sua honra profissional, empurrando-me alem disso para cima dum cidadão honesto que nem sequer conhecia a não ser de nome e que sei hoje ser um homem útil á sua terra, á sua profissão que muito dignifica e muito particularmente ás Taipas que ajudou a embelezar e por quem nutre o mais acendrado amor e carinho.

O abutre, que só vive do mal e que tanto tem destrambelhado a linda povoação, sabe bem perante quem me pediu a carta que levou como documento de salvação para o processo.

Para que não exhibe o perdigueiro os originaes da correspondencia incriminada?

Dou oito dias ao escangalhado zaragateiro das Taipas para que publique as minhas cartas todas, todas para confusão do velho. As suas, já o disse, vão sair a lume ainda esta semana.

Quero guilhotinar o trapalhão emérito que á sombra, escudado por mim, tentou morder em pessoas que nunca me fizeram mal, que muito respeito pela sua envergadura social, e arriscou-se a morder a honra duma senhora digna de todo o respeito, pelos seus actos, pela sua nobreza e pela sua intelligencia, que o fakir da cutelaria do Arquinho devia respeitar se não é qualquer filho espúrio do «Zé do Telhado» ou do «Pinta Rôxa», do Limoeiro!...

Não quero abusar da «Velha Guarda». Fica de minha conta o mostrengo das Taipas, e creio que não perderei a cartada nesta maldita contenda em que tentou meter-me o snr. Alexandre da Costa e Silva.

Theotónio Gonçalves.

Aviso

São por esta forma avisados todos os possuidores de licenças de uso e porte de armas para caça, a apresentalas, juntamente com as fixas, desde UM a CINCO do mez de fevereiro proximo, para serem enviadas ao Arsenal do Exercito, para as autenticar e legalisar, sem o que não podem ser consideradas validas.

Estas licenças são as que foram passadas desde um de Setembro do ano findo, e as que forem requeridas durante todo o mez corrente.

As que findaram em trinta e um de Dezembro do ano findo tem que ser reformadas até trinta e um deste mez e áqueles que não requererem a sua reforma serão as armas apreendidas que, alem das penalidades que lhe são applicadas por lei, serão enviadas para o Arsenal do Exército.

Guimarães, 17 de Janeiro de 1929.

O. Official da Secretaria,
José Gomes.

Que contraste ...

Enquanto lá fóra principalmente na Alemanha e America do Norte, não se funda uma fabrica, sem primeiro se tratar de construir junto dela um bairro para os seus operarios, não lhe faltando a competente cooperativa de consumo, creche, hospital, cinema, escola etc. etc.; entre nós descuia-se este problema, a ponto de se abandonar á sua sorte os pobres operarios, dignos de serem tratados como os seus camaradas estrangeiros.

O operario estrangeiro assim tratado e mimoseado pelo seu patrão, olham para a fabrica como uma coisa sua, dedicando-lhe todo o carinho e afeição, pois é ali que está o seu ganha pão, o bem estar de todos os seus.

O operario portuguez obrigado pela força das circunstancias a viver miseravelmente, numa casa coberta de telha vã, paredes nuas e humidas, sobrado terreo, tecto negro do fumo do lar, sem conforto e comodidade de especie alguma, refugia-se na taberna onde passa as suas horas d'ocio, para esquecer a sua lastimosa situação, e não ouvir os seus entes mais queridos, pedir-lhe aquilo que não lhe pôde dar — pão —.

A exiguidade de vencimentos que mal lhe chega para pão e caldo, e o abandono a que os seus patrões o deitam, faz com que ele, em vez de ser aquele auxiliar valioso e prestavel, como os seus camaradas estrangeiros, é o escravo que acorrentado pela necessidade de matar a fome, vai até junto dos seus algozes, prestar o concurso o mais de má vontade possível e imaginaria.

Não vê neles o seu amigo e protector, mas sim aqueles que lhe sugam a sua melhor seiva, para engrossar cada vez mais os seus capitais.

— E de quem é a culpa?
— Do regime Republicano?

— Não!... pois esse promulgou leis que beneficiam os operarios em geral, que no dizer de muitos homens publicos de nacionalidades estrangeiras, são as melhores do mundo.

E' que nós blasonamos de povo civilizado, mas não cumprimos as leis do nosso paiz, e muito principalmente aquellas que são promulgadas nos termos da lei fundamental do regime. X.

O alinhamento da R. dr. J. Sampaio

A propósito dêste assunto, que temos tratado nos dois últimos números de «A Velha Guarda» estamos informado que a Câmara Municipal já ordenou a fiscalização das Obras para fazer o orçamento afim de proceder ao alinhamento desta rua, acabando assim com a excrecencia da casa onde habitou a familia Freitas Costa.

lutuosa

Faleceu ha dias na sua casa de Mogéje — Famalicão, o abastado proprietario snr. Plácido Costa.

A familia em luto, especialmente a seu filho snr. Clemente Pinto Teixeira da Costa, nosso estima. do amigo e valoroso correligionário, o nosso cartão de pesames — Não podendo resistir a uma pertinaz enfermidade, que de há meses lhe vinha minando a existencia, faleceu ha dias a Ex.^{ma} Senhora D. Josefina Ribeiro de Freitas, filha estremecida do nosso amigo e velho republicano snr. José Ribeiro de Freitas.

Aos seus funeraes, realizados na parochial de S. Paio, assistiu uma delegação da Academia Vimaranense e bastantes cavalheiros. Os nossos sentidos pezames.

Uma carta

Senhor Director de «A Velha Guarda»

Permita-me que tome um pequeno espaço dêste Jornal, que V... dignamente dirige, para manifestar, desta forma, a minha indignação contra a desumanidade com que foi tratado, no dia 12 p. p., o meu amigo Manuel Ribeiro Guimarães, homem de bem, que devia ter, julgava eu, direito a mais estima e consideração por parte das pessoas que têm convivido com êle mais de perto. Constando-me que tinha ido á Administração do Concelho para lhe ser entregue uma chave, fiquei surpreendido quando, pouco depois, alguém me disse que êle ficara detido — consequência dum truque preparado pela própria familia — devido a encontrar-se sob uma grande excitação nervosa, cujo estado devia ter sido provocado pelas contrariedades, que tivera, e que são do conhecimento do público.

Na qualidade de amigo, fui á Administração a fim de me informar do que se passava e de oferecer os meus serviços, embora insignificantes, ao bondoso e honrado Manuel Ribeiro. Porém, que espanto não foi o meu quando o decano da policia me mandou dirigir a uma *enxovia*, civil imundo, próprio para acolher assassinos! De facto, lá estava o meu amigo, sentado nas tábuas dos criminosos, único enfeito do horrível aposento. Conversei com êle, ofereci-lhe os meus serviços, que dispensou, visto tencionar regressar a sua casa, antes de decorrida meia hora, pois não tinha cometido crime algum (palavras dêle) para alicontinuar. Despedi-me horrorizado com a sorte do meu infeliz amigo e com o lugar onde o encontrei...

Inditoso Pai! Pobre Amigo! Desculpe, snr. Director, o espaço que lhe tomei.
De V... att. e ven.^o
Guimarães, 17-1-29

M. de M.

Ho Senhor Director dos Serviços do Correio

Vários assinantes, entre elles os nossos amigos Snrs. Clemente Pinto Teixeira da Costa, Plácido Pinto Teixeira Lopes e João José Marques de Freitas, das freguesias respectivamente, de Serzedelo, e Santa Eufemia de Prazius, se nos têm queixado de que frequentemente o nosso jornal lhes não é entregue.

Como temos a certeza de que o nosso jornal sempre lhes é enviado, rogamos a S. Ex.^a ordene as necessárias providencias, para que tais reclamações se não repitam.

CASA DAS GRAVATAS

Chapelaria, Camisaria e Gravataria.

Meias, piugas, suspensórios e ligas.

Sempre grandes novidades.

Dias & Carvalho, Limitada
Rua da Republica, 43 a 47 — GUIMARÃES